



Figura 1. Imagem da capa do livro de artista *Até a Falha*, 2020. Foto: Wendell Wagner/Caixa de Fósforo.



ATÉ A FALHA: FORÇAS E PROFUNDIDADES NA SUPERFÍCIE DO RAIO-X

Renata Voss

Resumo: O artigo aborda o processo de criação no campo da fotografia experimental do livro de artista *Até a falha* (2020). Neste projeto investigou-se a utilização de chapas de raio-x como suporte fotográfico e refletiu-se sobre suas potencialidades conceituais. O trabalho apresenta fotografias de uma atleta fisiculturista e discute aspectos relacionados ao esporte a partir do pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht e acerca da fotografia e criação artística contemporânea.

Palavras-chave: Fotografia. Processos Químicos. Raio-X.

UNTIL TO FAILURE: FORCES AND DEPTHS ON X-RAY SURFACE

Abstract: The article addresses the creation process in the field of experimental photography of the artist's book *Até a falha* (2020). This project investigated the use of x-ray plates as a photographic support and reflected on their conceptual potential. The work presents photographs of a bodybuilder athlete and discusses aspects related to the sport from the thought of Hans Ulrich Gumbrecht and about photography and contemporary artistic creation

Keywords: Photography. Chemical Processes. X-Ray.



Os processos fotográficos têm sido amplamente explorados pelos artistas visuais hoje na sua diversidade de materialidades e plataformas de apresentação. O presente artigo tem como objetivo abordar o processo de pesquisa de caráter teórico- prática no campo da fotografia experimental utilizando revelação química em filmes de raio-x para materializar um livro de artista – intitulado Até a falha (2020) – a partir de fotografias de uma atleta fisiculturista. Este trabalho faz parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia acerca das materialidades da fotografia e suas potencialidades na criação artística contemporânea. Compreendo que uma pesquisa em artes parte do modo de fazer a obra e que ao observar esses modos de fazer, os conceitos operacionais, os modos de viabilizar, as escolhas realizadas (Rey, 2002) pode-se trazer os questionamentos proporcionados a cada trabalho.

Ao longo dos últimos anos, venho direcionando a pesquisa artística voltada para a utilização de materialidades diversas, como a revelação em cianotipia, goma bicromatada, papel salgado, marrom van dyke, antotipia, transferência de imagem, dentre outros processos que relacionam fotografia digital, revelações químicas e impressões a partir de uma matriz digital. Para Costa (2019, p. 85), "A retomada de processos fotográficos primitivos é uma estratégia utilizada na produção contemporânea como contraponto ao automatismo da fotografia atual". A partir das experiências de pesquisa com os processos fotográficos, que são associados a outros procedimentos como a fotoperformance, criação de objetos, o uso do vídeo ou mesmo a criação a partir de imagens de arquivo, percebemos a multiplicidade e as potencialidades propiciadas em um processo de criação artística contemporânea a partir de temáticas como a cidade e sua imagem, a memória, o movimento e o cotidiano. Cotton afirma que

A fotografia artística contemporânea tornou-se menos a aplicação de uma tecnologia visual preexistente e plenamente funcional e mais uma iniciativa que envolve escolhas positivas a cada passo do processo. Este fato se encontra nitidamente ligado a uma decidida valorização da materialidade e



da qualidade objetal desse meio de expressão, numa retomada das raízes da fotografia nos idos do início do século XIX (Cotton, 2010, p. 219).

No presente trabalho, as escolhas envolvidas para materialização do livro de artista *Até a falha* envolvem a potencialização de conceitos e questões inerentes a esta publicação. Dessa maneira, a presença de uma encenação para a câmera fotográfica por meio de uma fotoperformance e a escolha da utilização da revelação de imagens em chapas de raio-x são elementos essenciais para tratar das ideias deste projeto. Rouillé (2009, p. 287) ao abordar a fotografia como arte, indica que “o principal projeto da fotografia dos artistas não é reproduzir o visível, mas tornar visível alguma coisa do mundo, alguma coisa que não é, necessariamente, da ordem do visível”. Tratarei neste texto, das escolhas realizadas e das camadas conceituais invisíveis que motivaram o processo de criação do livro de artista em questão.

Em meu percurso profissional na área da fotografia houve um período, compreendido entre 2003 e 2011, em que conduzi um estúdio fotográfico que realizava retratos, fotografias de produtos, reprodução de obras de arte, fotografia de gastronomia e de moda. O processo de criação de uma imagem comercial envolve um planejamento e encenação que são próprios deste tipo de prática. Acredito que em alguns projetos artísticos que desenvolvo este aspecto de planejar previamente uma imagem e de repetir as cenas fotografadas se faz presente.

Para a criação do *Até a falha* havia o desejo de recorrer a iluminação artificial de estúdio, assim como tinha a intenção de obter uma imagem com alta nitidez. Este trabalho teve seu ponto de partida alguns anos antes, em 2017, quando na cidade de Aracaju, busquei fotografar um atleta fisiculturista – Vinicius Oliveira - em poses oficiais de competição em ambiente de estúdio (Figura 2). Naquele momento fui movida pelo fascínio provocado por este esporte. Gumbrecht (2007, p. 20), a respeito dos esportes afirma: “É um fascínio no sentido real da palavra – um fenômeno que paralisa os olhos, algo que atrai constantemente, sem indicar nenhuma explicação para a atração”.





Figura 2. Primeiros estudos com o atleta Vinicius Oliveira, Aracaju, 2017.

Naquele momento, interessava-me pela estética da iluminação artificial e pelo rito adotado nas competições, em que há uma sequência de poses que devem ser cumpridas pelos atletas. O caráter escultórico, ao procurar modelar o corpo para alcançar uma determinada forma esperada nas competições e a busca pela superação que há nos esportes eram alguns dos aspectos que sobressaíam ao escolher trabalhar com o fisiculturismo como tema em um trabalho artístico. Ao abordar a questão dos corpos, Gumbrecht compreende o fisiculturismo como “uma modalidade de escultura corporal” (2007, p. 111) em que se busca o crescimento de cada músculo com o objetivo de alcançar um ideal de corpo que seja harmônico dentro de cada uma das categorias de competição. Busca-se, através do trabalho lento e diário esta transformação, visto que, “o corpo é capaz de se adaptar a qualquer meta de transformação” (Gumbrecht, 2007, p. 111). Deste modo, acredito que o livro de artista *Até a falha* (2020) trata desse esforço para se alcançar determinados objetivos e da persistência como método para tal.

Gumbrecht, a partir do pensamento de Butler, pondera:

A posição oposta – a insistência em limites inescapáveis – é o ponto de partida da intuição desbravadora de Butler. Em vez de pensar na meta da transformação do corpo como sua conformação a figuras que já existem, o fisiculturismo, segundo Butler, tem o potencial de produzir uma infinidade de formas novas e híbridas que afastem os corpos dos tipos femininos/masculinos tradicionais Gumbrecht (2007, p. 112).



Dessa maneira, estamos tratando neste trabalho da criação de um outro corpo- imagem que visa superar um ideal de corpo em busca do novo, daquilo que ainda não existe. Também no estudo das formas de apresentação deste trabalho, escolhi investigar o livro de artista como plataforma de apresentação de um projeto fotográfico. Submeti a proposta de *Até a falha*, na convocatória da Incubadora Gráfica, que é um projeto da galeria RV Cultura e Arte, situada na cidade de Salvador (BA). Houve uma seleção de dez projetos de livros de artistas que foram acompanhados em etapas de formação para formatação de cada livro e depois cada artista produziu uma tiragem de cem exemplares. O projeto foi selecionado e desenvolvido entre o final de 2019 e novembro de 2020, quando foi feito o seu lançamento.

Durante o processo de criação optei por fotografar uma atleta mulher – Ellen Santos - em suas poses oficiais de competição na categoria *Wellness*, exceto a imagem da capa, em que a atleta faz uma pose que faz parte do repertório do imaginário coletivo quando tratamos do fisiculturismo ou de uma pessoa forte (Figura 1).

Um desafio do projeto ao procurar uma atleta para ser fotografada foi o fato de que o seu preparo físico se dá com o objetivo de participar de determinadas competições e segue um cronograma considerando a data da competição. Para este trabalho, ao fotografar a atleta em estúdio, orientei que a direção da captura das fotografias seria conduzida pelo entendimento da lente da câmera fotográfica como sendo o olhar do público e dos avaliadores da competição. Uma competição que envolve um público espectador e que têm em seus adversários espectadores em potencial. Gumbrecht afirma que

[...] celebrar os eventos esportivos como a ocorrência daquilo que supera nossas expectativas pode se transformar numa celebração de certa forma paradoxal dos limites do desempenho humano e talvez até numa celebração da aleatoriedade que às vezes supera esses limites. É uma celebração paradoxal porque, diferentemente de outros momentos desse tipo, celebrar a superação de um limite não implica que esse limite vá deixar de existir no futuro. Pelo contrário, celebrar



a remoção de uma limitação acaba sendo uma reafirmação dela (Gumbrecht, 2007, p.162).

Ao refletir sobre os processos fotográficos e suas materialidades neste trabalho, compreendi que poderia realizar a revelação química das imagens obtidas em estúdio tendo como suporte chapas de raio-x, criando um tensionamento acerca da dualidade interior-exterior. O raio-x é uma superfície fotossensível em ambos os lados do filme, permitindo a obtenção de fotografias tanto quando utilizado em uma câmera fotográfica, quanto na sua utilização para obtenção de cópias por contato, que foi a técnica utilizada neste projeto. Miller (2013, p. 28), ao abordar a cultura material e nossa relação com indumentária, afirma que “nós possuímos o que poderia ser chamado de uma ontologia de profundidade. A hipótese é que ser – o que realmente somos – está profundamente situado dentro de nós e em oposição direta à superfície”. É possível fazer um paralelo destas relações profundidade e superfície com este trabalho. Acredito que o raio-x tem características que potencializam o conceito do trabalho, pois traz a imagem de uma mulher em um suporte através do qual usualmente na medicina temos acesso à imagem interior do corpo, imagens daquilo que é invisível a olho nu.

Não podemos deixar de mencionar o que propõe Gumbrecht (2007, p. 31): “queremos desesperadamente que os corpos dos atletas sejam tudo ‘menos’ os signos para alguma coisa espiritual, ou pelo menos psicológica ou mental, ou no mínimo dos mínimos sociopolítica - uma conspiração de classes ou algo do tipo.” Assim, essas imagens nos convidam a examinar, olhar *através* e ir além da superfície. Outra característica importante da materialidade do raio-x é a qualidade da transparência, que permitiu desenvolver um projeto de livro de artista no qual as imagens podem ser vistas de maneira sobreposta, criando outros corpos (Figura 3).





Figura 3. *Até a falha*, livro de artista fechado com sobreposição das imagens, 20x17cm, revelação em chapas de raio-x montadas em papel e encadernação artesanal french link. Renata Voss, 2020. Foto: Wendell Wagner/Caixa de Fósforo.

A escolha do título do trabalho diz respeito a um método de treino chamado *até a falha*, o qual prevê que a pessoa realize quantas repetições ela seja capaz até o músculo não suportar mais. Gumbrecht aborda dois conceitos vindos da Grécia antiga: *agon* e *arete*:

Agon talvez seja mais bem traduzido simplesmente como competição. Entre outras coisas, associamos competição com a domesticação de confrontos e tensões potencialmente violentos dentro dos parâmetros institucionais de regras estáveis. *Arete*, por outro lado, significa buscar a excelência com a consequência (mais que com o objetivo) de levar algum tipo de performance a seus limites individuais ou coletivos (Gumbrecht, 2007, p. 56).

Ainda para Gumbrecht (2007, p. 58), "*Agon* e *arete* convergem no impulso esportivo de ir além, de ir aonde nenhum outro corpo foi antes". Deste modo, este livro de artista trata das subjetividades e da condição humana,



sobre ir *até* ou *além* dos limites ao passar por situações de sobrecarga. Ir até a falha é abrir fissuras quando faltam condições perfeitas. É errar e desviar quando não há um funcionamento normal. Refazer percursos onde houver desequilíbrio.



Figura 4. *Até a falha*, livro de artista fechado com sobreposição das imagens, 20x17cm, revelação em chapas de raio-x montadas em papel e encadernação artesanal french link. Renata Voss, 2020. Foto: Wendell Wagner/Caixa de Fósforo

Gumbrecht (2007) faz uma crítica à dificuldade de se fazer elogios ao esporte e deste ser tema de escritos acadêmicos por não ser um tema da alta cultura como fora em outro momento. Para este autor, “ao que parece, não achamos apenas difícil elogiar o esporte; também achamos difícil admitir que o fascínio pelo esporte possa ter raízes respeitáveis no âmbito do apelo estético.” (Gumbrecht, 2007, p. 36). O autor pondera sobre a dificuldade em se considerar o esporte como uma experiência estética.

É preciso ainda considerar o aspecto de performance que há nos esportes envolvendo o investimento corporal, o caráter de evento e o uso



de objetos materiais (2007). O autor relaciona ainda o esporte com sua dimensão de presença:

As pessoas que operam na dimensão da presença só querem inscrever seus corpos e seus comportamentos em certos padrões regulares que acreditam ser inerentes ao mundo dos objetos. Essa inscrição é às vezes chamada de ritual, e no caso dos esportes chamamos o ritual de jogo. (Gumbrecht, 2007, p. 52)

No fisiculturismo temos a dimensão de presença por meio dos corpos dos atletas em competição e a dimensão de performance pelo ritual que se configuram nas competições, que usualmente acontecem em teatros e envolve a apresentação dos atletas em um palco configurando um status de acontecimento deste tipo de evento esportivo, onde o desempenho é avaliado.

[...] celebrar os eventos esportivos como a ocorrência daquilo que supera nossas expectativas pode se transformar numa celebração de certa forma paradoxal dos limites do desempenho humano e talvez até numa celebração da aleatoriedade que às vezes supera esses limites. É uma celebração paradoxal porque, diferentemente de outros momentos desse tipo, celebrar a superação de um limite não implica que esse limite vá deixar de existir no futuro. Pelo contrário, celebrar a remoção de uma limitação acaba sendo uma reafirmação dela. (Gumbrecht, 2007, p. 162)

Desta maneira, este livro de artista fala sobre subjetividades, corpos, desafios, afinal o que revela a imagem de uma mulher forte? O trabalho é composto por 8 chapas de raio-x e foi revelado artesanalmente em laboratório fotográfico durante a pandemia (Figura 5). Esse método escolhido faz com que cada cópia – obtida por contato – seja única, havendo pequenas variações no tempo de exposição e marcas do processo. Como era relevante para a forma de visualização das imagens, desenvolvi uma faca de corte (Figura 6) para criar janelas de visualização através das quais o leitor possa manusear observando tanto individualmente, como em sobreposição.



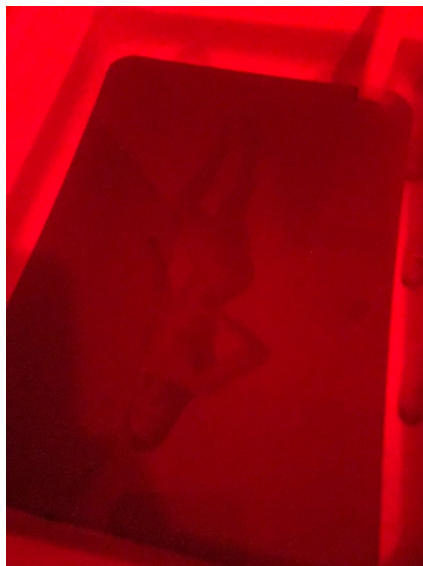


Figura 5. Processo de revelação química das imagens do livro de artista *Até a falha*, 2020.
Foto: Renata Voss



Figura 6. Estrutura da página do livro de artista *Até a falha* com faca de corte, 2020. Foto: Renata Voss



A encadernação deveria possibilitar que o livro ficasse em pé aberto com a totalização da abertura das páginas. A encadernadora propôs que utilizássemos a encadernação *french link*, a qual atendeu plenamente a demanda da forma pensada para este livro. Duchamp (1965, p. 73) afirma que, "no ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas."

A experiência de realização desta publicação foi desafiadora, tanto nas escolhas dos materiais, como no tempo de dedicação e espera que envolveu o processo completamente artesanal da revelação das 800 chapas de raio-x que compõem os cem livros produzidos.

Acredito que a diversidade de procedimentos existentes da fotografia configura um vasto campo de investigação na pesquisa em artes hoje, sejam eles químicos ou digitais. Ao conhecer e observar os processos fotográficos e compreender as suas materialidades, amplio as potencialidades criativas trazendo temáticas e questões inerentes à poética pessoal. Com esta pesquisa acredito que realizo uma pequena contribuição ao campo da fotografia experimental no Brasil, que tem crescido nos últimos anos com a atuação de artistas em todas as regiões do país.



REFERÊNCIAS

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DUCHAMP, Michel. O ato criador. In: BATTCOCK, Gregory. **A Nova Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Fronteiras incertas: arte e fotografia no acervo do MAC USP (1963-1978). / Heloíse Costa. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2019.

GUMBRECH, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

REY, Sandra. Por Uma Abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais. In: BRITES, Blanca, TESSLER, Elida (organizadoras). **O meio como ponto zero**. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Editora da Universidade - UFRGS, 2002.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Tradução: Constança Eggejas. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

VOSS, Renata. **Até a falha**. Salvador: edição de autor, 2020.

Renata Voss é artista visual, professora de fotografia da Escola de Belas Artes da UFBA, doutora em Artes Visuais (UFBA), líder do Grupo Arte Híbrida (CNPq). Investiga desde 2004 os processos históricos e experimentais articulando o estudo de materialidades do “velho” e do “novo” na criação artística com fotografia hoje. Desenvolve um trabalho que estabelece relações entre fotografia, tempo e memória.

